

Museologia - marcos referenciais¹

*Marília Xavier Cury**

Resumo

Este texto tem por objetivo apresentar alguns referenciais históricos da formação da disciplina Museologia e do conjunto de postulados teóricos e metodológicos que a compõem e que orientam a práxis em museus. Para tanto, o texto apresenta cinco marcos como referenciais, no contexto internacional e nacional: (1) o ICOFOM-Comitê Internacional de Museologia do ICOM-Conselho Internacional de Museus; (2) alguns momentos referenciais do ICOM e do ICOFOM; (3) os Documentos referenciais do ICOM; (4) a nova museologia; (5) a museologia brasileira e a pesquisa.

Palavras-chave: teoria museológica; museologia; pesquisa em museologia; comunicação museológica; pesquisa de recepção em museu.

O referencial do ICOFOM

O debate sobre os limites e as reciprocidades entre a museologia e a museografia não é recente, mas é uma questão do século XX que se intensificou após a criação do ICOM-Conselho Internacional de Museus, em 1946. Apesar que não ser uma instituição acadêmica, essa associação que congrega profissionais de museus do mundo todo sempre esteve motivada a entender e estreitar as relações entre a grafia e a logia no *locus* museal, principalmente após vir à tona a premência de se estabelecer as teorias e conceitos que alimentam a práxis museal. Temos notícias do I Simpósio sobre Teoria Museológica ocorrido em Brno, em 1965, e do Seminário Internacional "Museologia", organizado pelo Comitê Nacional Alemão do ICOM, em Munique, em 1971. Temos notícias, também, que entre 1971 e 1977 o então presidente do ICOM, Jan Jelinek, empenhou-se na formação de conceitos museológicos no âmbito desse Conselho. Foi por iniciativa de Jelinek que tomou-se a decisão política da criação do ICOFOM - Comitê Internacional para a Museologia em 1976 (KLAUSEWITZ, 1997, p.13). Daí para a frente, ICOM e ICOFOM trabalharam paralelamente para o desenvolvimento dos museus e da museologia.

Pode-se colocar como um dos principais marcos da formação e desenvolvimento da disciplina Museologia a criação do ICOFOM. O ICOFOM teve sua criação oficial em junho de 1976, conforme "The establishment of a new international committee on museology no. 76/AD 15" (MORA E GANDHOUR, 1997: 45). Sua existência de fato, no entanto, deu-se na Conferência Triannual do ICOM, em maio de 1977², em Moscou e Leningrado. A partir de sua criação, o ICOFOM passou a ser o maior e mais importante fórum de discussão e estudo sobre teoria museológica. Nesse momento, e nos anos posteriores, os objetivos do ICOFOM eram a definição de museologia, a constituição de um sistema de conhecimento museológico, o desenvolvimento de um programa de ensino universitário da museologia e a compreensão das interrelações da museologia com outros campos de conhecimento, tais como a

filosofia, a antropologia social e cultural, as ciências políticas e da informação. A meta era a configuração da museologia como um campo de estudo independente. A partir de então, vários encontros foram organizados e a produção teórica de seus membros começa a ser publicada no MuWoP/DoTraM-Museological Working Paper/ Documents de Travail sur la Muséologie, que contou com as edições de dois números, em 1980 e em 1981 (e publicado em 1982). Ressalte-se que, nesse momento, já se fazia a distinção entre a museologia - os aspectos teóricos dos museus - e a museografia - o trabalho prático que ocorre nessas instituições, ou seja, a museologia não era tida como conjunto de práticas.

Os encontros internacionais do ICOFOM trataram de temas específicos, conforme podemos constatar a seguir.

- 1977, Leningrado - instalação do Comitê com a 1ª Reunião do ICOFOM

- 1978, Nieborów - 1º Encontro Anual teve como “O resultado deste encontro foi a impressão de que parece não existir qualquer conceito real e especialmente base teórica para a museologia como disciplina científica” (KLAUSEWITZ, 1997, p.15).

- Esse encontro reuniu J. Jelinek e outros importantes nomes da museologia da época como Lorenz, Piotrovski, Irina Antonova, Dabrowski, W. Klausewitz, Awraam M. Razgon, Rymaszewski e Villy Toft Jensen.

- Em Brno foi publicada a brochura “Possibilidades e limites na pesquisa científica típica para os museus”, tendo como editores Jan Jelinek e Vera Slana. Esta é considerada a primeira publicação do ICOFOM. (KLAUSEWITZ, 1997, p.15).

- Deliberou-se pela criação do *Working Papers*, jornal internacional do ICOFOM, com o objetivo de reunir as diferentes posições sobre os problemas museológicos fundamentais. Vinos Sofka³ ficou na supervisão e edição.

- 1979, Torgiano - 2º Encontro Anual. “Porém, os resultados para a museologia especial foram novamente um tanto desapontadores, uma vez que as interpretações de um mesmo conceito foram muito diferentes” (KLAUSEWITZ, 1997, p.15).

· Em Brno foi publicada a brochura "Aspectos sociológico e ecológico nas atividades do museu moderno à luz da cooperação com outras instituições afins" - tema do encontro -, editada por J. Jelínek e V. Slana.

1980, México - *Museologia, uma ciência em formação*: esse tema foi indicado para debate a partir da adoção da idéia de museologia como disciplina científica e ciência em formação por Klaus Schreiner (Alemanha), Zbynek Z. Stránský e Anna Gregorová (República Tcheca) e Vinos Sofka (Suécia). Discutiu-se, então, sobre o objeto de estudo da museologia. Nesse encontro, foram levantadas duas proposições. Na primeira, de Stránský e Gregorová, o objeto de estudo da museologia é a "relação específica entre o homem e a realidade". Stránský desenvolveu essa abordagem no final da década de 1970 e apresentou-a como sendo o objeto de estudo da museologia, em 1980. Na segunda, por Waldisa Russio [Camargo Guarnieri] (Brasil), o objeto de estudo da museologia é o "fato museal", a "relação profunda entre o homem e o objeto" (DoTraM, 1980, p.20)

Foi publicado o *Working Paper* com a denominação MuWoP/DoTraM, tendo como comitê editorial V. T. Jensen, W. Klausewitz, A. M. Razgon e V. Sofka.

· 1981, Estocolmo - *Museologia e interdisciplinaridade* como método de ação para a prática nos museus, para a pesquisa em museologia e para a formação e capacitação profissional: Isso se justifica pelo fato de que o "estudo da relação do homem com o patrimônio cultural" depende de diversos domínios do conhecimento.

Nesse ano, Guarnieri aperfeiçoa a sua definição de fato museal, ou seja, "a relação profunda entre o Homem, sujeito que conhece, e o Objeto, parte da Realidade à qual o Homem também pertence e sobre a qual tem o poder de agir" (RÚSSIO, 1981, p.58).

· 1982, Paris - *O sistema da museologia e interdisciplinaridade*: a discussão não ocorreu, pois houve divergência em torno da temática. Para alguns, a discussão deveria ser sobre teoria museológica e, para

outros, sobre ecomuseologia. Foram deliberados então dois encontros para 1983, contemplando as duas propostas.

Segundo Sofka, nos primeiros anos do ICOFOM ocorreram resistências quanto à sua existência e suas propostas e entre 1980 e 1982 o Comitê passou por uma séria crise. O encontro de Paris só ocorreu graças ao empenho pessoal de Georges Henri Rivière, André Desvallées e Gérard Tupin e do suporte da *Direction des Musées de France* (SOFKA, 1995, p.15-16). O encontro resultou em uma avaliação sobre o papel do ICOFOM e iniciou-se uma nova fase desse Comitê. É importante registrar que nesse momento de superação estiveram presentes: R. Carrillo, A. Devallées, A. Grote, A. T. Huovinen, A. O. Konaré, F. E. Lacouture, M. M. da Mota, A. Razgon, J. Schotsmans, G. Turpin, Peter van Mensch, Frans Schouten, P. Vanderheijden, Tomislav Sola e Villy T. Jensen (ibid).

Nesse ano, foi interrompida a publicação do MuWoP/DotraM.

1983, Londres - *Metodologia da museologia e formação profissional*: constrói-se um pensamento museológico fundado nas ciências do homem e da sociedade, pois a globalidade do patrimônio (natural, cultural, material e imaterial) está, nos museus, relacionado a essas ciências. Para tanto, o encontro teve como objetivo responder às questões: qual é o sistema museológico e como se dá a interdisciplinaridade na relação entre a museologia e os diferentes campos de conhecimento? Qual a natureza do conhecimento museológico?

No início da década de 1960, Z. Z. Stránský propôs um sistema da museologia baseado em uma historicidade, em aspectos práticos dos museus e na relação da museologia com outras disciplinas. Esse modelo foi rediscutido sucessivamente desde o encontro anual do ICOFOM de 1977. Em 1980 e 1981 o debate se intensificou e chegou-se a uma proposta tripartida - Museologia Geral, Museologia Especial e Museologia Aplicada. Geoffrey Lewis, W. Klausewitz e Sofka colaboraram com essa proposta (BURCAW, 1983, p.21 e RÚSSIO, 1983, p.125)⁴. Em 1983, o sistema de museologia foi o pano de fundo da temática central e fez-se uma revisão das discussões anteriores. Colaboraram grandemente com os debates e com o amadurecimento

da proposta tripartida (Museologia Geral, Museologia Especial e Museologia Aplicada): George Ellis Burcaw (Moscou, USA), Peter van Mensch (Holanda) e Waldisa Rússio (Brasil) (ISS, 1983, p.21, , 83, 118, respectivamente).

Waldisa Rússio sintetizou as discussões dos anos anteriores - a natureza do conhecimento museológico, os objetivos da museologia, a interdisciplinaridade como método de trabalho para a museologia e para a ação nos museus (ISS, 1983, p.114-125) - e traz uma nova contribuição: um quadro onde apresenta, esquematicamente, o sistema da museologia, como uma proposta aperfeiçoada do quadro apresentado em 1980 por Klausewitz e Sofka (RÚSSIO, 1983, p.118).

Os debates foram publicados nos ISS-ICOFOM STUDY SERIES⁵ n. 1 ao 5, série criada nesse ano e que substituiu o MuWoP/DoTraM.

· 1983, Londres - *Museu, território, sociedade - novas tendências/ novas práticas*: a discussão girou em torno dos conceitos de ecologia, territorialidade e território, memória, desenvolvimento, cotidiano, comunidade, identidade. As contribuições teóricas partiram de Tomislavi Sola (ex-Iugoslávia), Evzen Schneider e Zbynek Z. Stránský (ambos da República Tcheca), Jaume Terradas (Espanha). Além disso, alguns estudos de caso de ecomuseus foram apresentados e debatidos: Le Creuset/Montceau por Mathilde Bellaigue (França); Ecomuseu mont Lozère por Gérard Collin; Museu da Bretanha por Jean-Yves Veillard (França); Ecomuseu da Haute-Beauce no Quebec por Pierre Mayrand (Canadá). O Museu Histórico de Amsterdã foi apresentado por Bob Haak (Holanda) como uma instituição nos moldes tradicionais, mas que sofreu influência positiva da experimentação ecomuseológica com a população local. (ISS, n. 2-5, 1983)

André Desvallées (França) incorpora o termo “nova museologia” às discussões do ICOFOM.

· 1984, Leiden - *Coletar hoje para o amanhã*: ponderação sobre os critérios e política de formação de acervos contemporâneos visando as futuras gerações. Discutiu-se sobre os princípios, as

possibilidades e os problemas que envolvem a seleção de objetos para um museu e como se dá a transformação dos critérios de seleção. A seletividade e os critérios de seleção foram abordados, tendo-se em vista o princípio de que o objeto não vale por si só e sim por seus valores culturais. A proposta foi pensar a coleta contemporânea, tendo-se em vista o futuro e partindo-se de uma crítica ao colecionismo. Considerou-se que os objetos museológicos têm como atributos valores sociais, religiosos, estéticos, artísticos, afetivos, científicos, políticos e ideológicos. Às vezes, esses valores passam pelo objeto "único" ou "raro". Os critérios e políticas de seleção de objetos deveriam ser norteados pela representatividade, testemunhalidade, documentalidade, fidelidade e significação dos objetos. A questão tecnológica foi, também, debatida por sua importância para a documentação.

A aquisição e política de formação de acervos em ecomuseus foi também um tema. O consenso deixa claro que, no caso, o ecomuseu precede à coleção, como um princípio da problemática ecomuseológica (ISS, n. 6 e 7, 1984).

· 1985, Zagreb - *Originais ou substitutos em museus*: tema de especial interesse para aqueles que refletem sobre a relação do homem com os objetos, que se legitima durante a recepção em exposições. O temário visava pensar sobre a autenticidade nos museus. Retomaram-se os conceitos de representatividade, testemunhalidade, fidedignidade e documentalidade como defesa pelo uso do original. A dicotomia original/substituto foi, no entanto, minimizada pela argumentação de que o substituto não substitui os atributos da autenticidade, mas pode atuar face a certas necessidades e demandas. Isso posto, especificou-se o que seriam estes substitutos: cópia, réplica, reconstrução, maquete e modelos. Levantaram-se e discutiram-se as questões éticas que envolvem o uso de substitutos. A discussão enfrentou, ainda, o dilema entre a construção da linguagem - quando se recorre a réplicas e/ou cópias - e a relação do público com o original (ISS, n. 8 e 9, 1985).

· 1986, Buenos Aires - *Museologia e identidade*: alteridade é o ponto de partida para a discussão de identidade como um processo

contínuo de criação e recriação individual e coletiva. O encontro aprofundou reflexões sobre o papel dos museus e do patrimônio cultural na (re)construção da identidade cultural (ISS, n. 10 e 11, 1986).

Foi publicado, nesse ano, o *Dictionnarium museologicum*, léxico poliglota de museologia desenvolvido por meio de um trabalho comunal em nível mundial que perdurou por nove anos, a contar de 1977, quando foi proposto na assembléia trianual do ICOM, em Moscou. Nele, estiveram envolvidos 44 especialistas de museus de 26 países, e 20 idiomas. Esse léxico foi, na época, um importante instrumento de trabalho para confrontar os termos em diferentes línguas. O *Dictionnarium* foi uma colaboração que trouxe para a padronização terminológica da museologia no plano mundial. Muito embora esse tenha sido um trabalho coordenado pelo CIDOC-Comitê de Documentação do ICOM, o léxico contou com a contribuição de nomes importantes do ICOFOM, como Z. Z. Stránský e W. R. C. Guarnieri (DICTIONNARIUM MUSEOLOGICUM, 1986).

· 1987, Helsinque-Espoo - *Museologia e museus*: abordou a evolução do fenômeno museus e avaliou a evolução da relação entre o museu - instituição - e a museologia - a disciplina: os museus e a museologia em transformação no tempo e no espaço. Como proposta, foram lançados e debatidos os seguintes pontos: o deslocamento de ênfase do objeto para o público e a comunidade (o objeto não mais visto como centro dos museus); o alargamento do conceito de objeto de museu (expansão para o imaterial); abertura à tendência para conservação *in situ* (em seu contexto, como em museus de sítio, casas históricas, ecomuseus); descentralização dos museus (com a criação de pequenos museus); mudança do enfoque das exposições (de mostras de coleções para exposições temáticas); racionalização do gerenciamento de museus (após um grande desenvolvimento técnico-profissional, a busca do aperfeiçoamento administrativo); a musealização de coleções particulares (ISS, n. 12 e 13, 1987).

Nesse ano e no contexto brasileiro, W. R. C. Guarnieri consolida a atual definição do fato museológico, " [...] a relação profunda entre o Homem, sujeito que conhece, e o Objeto, parte da Realidade à qual o Homem também pertence e sobre a qual tem poder de agir', relação esta que se processa 'num cenário institucionalizado, o museu'" (1987, p.2; 1989, p.10; 1990, p.7).

· 1988, Hyderabad-Varanasi-Nova Delhi - *Museologia em países em desenvolvimento - ajuda ou manipulação?*: reflexão sobre o papel social dos museus nesses países. Retomou-se a questão da identidade cultural local face a intervenções externas e também o fato de que há apenas uma museologia e inúmeras formas de aplicação. Em países em desenvolvimento, as aplicações se fariam considerando-se necessidades específicas. No entanto, avaliou-se que os museus e a museologia são promotores de desenvolvimento e mudanças sociais, pois agem nos âmbitos cultural e educacional. Para tanto, caberia aí uma política museológica para países em desenvolvimento, formulada por eles mesmos (ISS, n 14 e 15, 1988).

· 1989, Haia - *Museologia e futurologia*: exercício de ponderação sobre o que se pode prever do futuro em relação aos museus e à museologia. Estiveram na pauta das discussões os seguintes tópicos: o que coletar hoje para deixar para o futuro, como os conceitos evoluirão e se haverá um espaço social a ser ocupado pelos museus futuramente (ISS, n. 16, 1989).

· 1990, Livingstone-Mfuwe - *Museologia e o meio ambiente*: após o debate de 1983 sobre ecomuseus - os museus como parte de um pensamento ecossistêmico - retornou-se à questão sobre a relação das instituições museológicas e o meio no qual se situam, ou seja, a relação com o meio social, cultural e econômico (ISS, n. 17, 1990). Não foi publicado o ISS 18 preparado nesse ano.

No mesmo período, começam a surgir subcomitês do ICOFOM na África, Ásia, Europa, América do Norte e Caribe. Para agregar as reflexões na América Latina e no Caribe, foi criado o ICOFOM-LAM. Esse subcomitê mantém, desde sua criação, discussões e publicações paralelas ao temas propostos anualmente pelo ICOFOM⁶ (REVISIÓN 1989-1992).

· 1991, Vevey - *A linguagem das exposições*: tema fundamental para a Museologia, pois as exposições refletem a identidade de uma instituição, ao mesmo tempo em que é por meio delas que se promove a relação do homem com o objeto. É por meio das exposições que o museu fecha o ciclo do processo curatorial e, por outro lado, cumpre suas funções educativa e social. A discussão em torno da linguagem museológica é relevante para o estabelecimento de valores a serem trabalhados com o público, valores inerentes aos objetos museológicos (ISS, n. 19 e 20, 1991).

· 1992, Quebec - *Simpósio de pesquisa museológica* (ISS, n. 21).

· 1993, [s.l.] - *Museu, espaço e poder*: nesse ano, avaliou-se o peso político e ideológico dos museus e dos acervos. Foi implantado, no bojo do ICOFOM, o projeto Idéias Museológicas Básicas, com André Desvallées na coordenação: programa de pesquisa permanente sobre terminologia, englobando conceitos e termos em museologia (ISS, n. 22, 1993).

· 1994, Pequim - *Objeto - documento?*: discussão sobre musealidade, ou seja, o objeto museológico como documento, como suporte de informação (ISS, n. 23 e 24, 1994).

· 1995, Stavanger - *Museu e comunidade*: retomada da discussão sobre a relação dos museus com a sociedade, aprofundando as questões de como os museus abordariam seu(s) público(s) e dando ênfase à questão de formação de público como usuário de museus (ISS, n. 25, 1995).

Foi instalado, em 1994, o grupo de trabalho do projeto Idéias Museológicas Básicas para levantamento e discussão dos termos e conceitos. O grupo era composto por André Desvallés (França) como coordenador, Ivo Maroevic (ex Iugoslávia), Peter van Mensch (Holanda), Tereza Scheiner (Brasil) e Zbynek Stránský (República Tcheca).

· 1996, Rio de Janeiro - *Museologia e arte*: foram debatidos, nesse encontro, em que medida a museologia e os museus podem fazer com que a sociedade participe do processo artístico, como a museologia e os museus podem expandir a idéia de arte, como a

arte é entendida nas diferentes culturas e como musealizar arte (ISS, n. 26, 1996).

· 1997, Paris - *Museologia e memória*: a memória não está pronta. É um processo em constante construção, construção esta que se dá no presente, interpretando o passado. Nesse encontro, discutiu-se o papel e a participação dos museus na construção da memória e os museus como lugares de memória (ISS, n. 27 e 28, 1997).

Nesse ano do 20º aniversário do ICOFOM, tivemos no ISS 27 o artigo de Wolfgang Klausewitz "The First Historical Phase of ICOFOM - a Review with Personal Reflexion" (1997: 13-15), balanço da primeira gestão da diretoria desse comitê. Já no ISS 28, dois artigos avaliam os 20 anos de trabalho do ICOFOM: de Nadine Fattouh e Nadie Simeon "Orientation muséologique et origines géographique des auteurs" (1997: 33-43) e de Claudia Corvi Mora e Nada Ghandour "Evolution et extension de la théorie muséologique de l' ICOFOM" (1997: 44-55).

· 1998, Melbourne - *Museologia e Mundialização*: novos dilemas para os museus e para a museologia, considerando-se a transculturação imposta pela mundialização (ISS, n. 29 e 30, 1998).

· 1999, Coro - *Museologia e filosofia*: três grupos de trabalhos analisaram: 1) os limites epistemológicos entre museologia e filosofia; 2) a base filosófica da museologia; 3) a filosofia atual e sua relação com a museologia (ISS, n. 31, 1999).

· 2000, Munique-Brno - *Museologia e patrimônio intangível*: o tema já tinha sido apresentado anteriormente por Mensch, em 1987, quando o pesquisador propõe o alargamento do conceito de objeto de museu. Foi, então, aprofundada a problemática, destacando-se que há uma dimensão intangível nas coleções de museus. Procurou-se levantar experiências com registro, documentação e, até mesmo, exposições que tivessem o patrimônio intangível como fundamento (ISS, 32, 2000).

· 2001, Barcelona - *Museologia, desenvolvimento social e econômico*: discutiram-se a globalização e como o capitalismo global vem afetando o cumprimento do papel dos museus junto à sociedade e à política museal (ISS, n. 33a, 2001).

· 2002, Cuenca - *Museologia e apresentação - real(original) ou virtual?*: debateu-se o sentido do objeto original em museus, considerando-se a realidade virtual proposta pela eletrônica. O objeto original foi confrontado com o virtual e foi feita uma avaliação da possibilidade de se ampliar o que se entende por objeto museológico. No bojo das discussões, veio à tona a problemática do uso de cópias, réplicas e modelos em museus e em centros de ciências (ISS, n. 33b, 2002).

· 2003, Krasnoyarsk-Belokuricha-Barnaul - *Museologia como instrumento para a unidade e a diversidade?* (ISS, n. 34, 2003).

· 2004, Seul - *Museologia e patrimônio intangível II* (ISS, n. 35, 2004).

Qual é o objeto de estudo da Museologia?

Sintetizando, a museologia tem um objeto de estudo?

Segundo Peter van Mensch (1994) temos algumas tendências para objeto de estudo da Museologia, quais seriam:

- A Museologia como estudo da finalidade e organização de museus

Visão tradicional e bastante aceita entre os profissionais de museus, que reside na idéia de museologia como ciência dos museus. Tem sua origem no Seminário Internacional de Museus Regionais no Rio de Janeiro, em 1958, e, de certa forma, pode ser vista nos modelos de cursos do tipo *museum studies*. Trata da compreensão da museologia como objetivos e organização de museus. Posteriormente, em 1972, foi adequada para " [...] estudo da história e trajetória dos museus, seu papel na sociedade, seus métodos de pesquisa, conservação, educação e organização, seu relacionamento com o ambiente físico e a classificação dos diferentes tipos de museus." (MENSCH, 1994, p.4)

No final da década de 1970 e início dos 80, pôde-se considerar essa tendência como ultrapassada.

- A Museologia como o estudo da implementação e integração de um certo conjunto de atividades, visando à preservação e ao uso da herança cultural e natural

Esta abordagem está centrada na idéia de museologia como conjunto de atividades para viabilizar a aquisição, conservação, documentação, estudo, comunicação e educação de bens patrimoniais. Ou seja, esta abordagem considera que a museologia está reservada aos procedimentos que constituem o processo curatorial. Vigorou nos anos da década de 80 e foi defendida por A. M. Razgon (Rússia), J. Neustupny e J. Benes (República Tcheca), I. Jhan, K. Schreiner e V. Schimpff (Alemanhã), V. S. Bedekar (Índia) e P. van Mensch (Holanda).

- A Museologia como o estudo dos objetos de museu⁷

Nela, há relação estreita entre museologia e museu como local para interpretação de objetos. Essa aproximação fez com que alguns teóricos definissem museologia como estudo dos objetos de museus. A partir dessa concepção, Z. Bruna, em 1965, definiu museologia como “o problema relativo ao material, aos objetos móveis, autênticas peças da realidade objetiva, os quais - tendo perdido suas funções originais e agora obsoletas - têm adquirido, estão adquirindo ou vão adquirir novas funções como evidência de sua trajetória (BRUNA, apud MENSCH, 1994, p.8-9).

Outros adotaram essa postura, como Razgon e Ilse Jahn. Este último amparava-se na transformação do objeto testemunho em objeto como documento museológico.

- A Museologia como o estudo da musealidade como uma qualidade distintiva dos objetos de museu

Essa abordagem decorreu da definição dos atributos documentais do objeto museológico como musealidade. O defensor dessa abordagem foi Z. Z. Stránský, que dizia que “O objeto

intencional de conhecimento da museologia é a musealidade, concebida no contexto histórico e considerando a função social presente e futura como um todo.” (apud MENSCH, 1994, p.10)

Um seguidor desse pensamento foi Ivo Maroevic, que defendia que “A museologia lida com o estudo sistemático dos processos de emissão de informação, contida na estrutura material da museália” (apud MENSCH, 1994, p.11).

- A Museologia como o estudo de uma relação específica entre homem e realidade

O grande mentor dessa abordagem foi Z. Z. Stránský que, no final dos anos de 1970 e início da década seguinte, formula a definição de objeto da museologia como

[...] uma abordagem específica do homem frente à realidade cuja expressão é o fato de que ele seleciona alguns objetos originais da realidade, insere-o numa nova realidade para que sejam preservados, a despeito do caráter mutável inerente a todo objeto e da sua inevitável decadência, e faz uso deles de uma nova maneira, de acordo com suas próprias necessidades (apud MENSCH, 1994, p.12).

A partir da 5ª tendência, Mensch considerou alguns desdobramentos:

- Wojciech Gluzinski propõe uma museologia postulada, aquela que vai à essência do museu que, para ele, é primordialmente “ [...] uma questão de significados que num sistema cultural representem todas as coisas que fazem um museu.” (p.13) O autor criou a expressão fator M para falar da transmissão de valores simbólicos contidos nos objetos. “Por isso, de um lado, a área de conhecimento da museologia postulada estaria na área dos sentidos e, de outro, na área de comportamentos culturais específicos [...]; é nestes que os fenômenos museológicos tornam-se manifestos” (p.13).

Para Mensch, a partir de Gluzinski, o museu é visto como um sistema de comportamentos culturais específicos (p.13).

- Waldisa Russio define museologia como o estudo do Fato Museal, “a relação profunda entre o homem, sujeito que conhece, e o objeto, parte da Realidade à qual o homem pertence e sobre a qual tem poder de agir”.

Seria possível acrescentarmos, nos desdobramentos de Mensch, uma outra contribuição. Mathilde Bellaigue sugere que na definição de Stránský “realidade” seja substituída por “real” que, para Bellaigue, compreende a totalidade da cultura e do ambiente (BELLAIGUE, 1992, p.2).

Pessoas referenciais no ICOFOM

Durante os seus 28 anos de existência, o ICOFOM contou com a participação de muitos teóricos. A seguir, destacamos as pessoas referenciais que atuaram ativamente por anos seguidos e/ou que conseguiram marcar presença com suas idéias. São elas:

- Alpha Oumar Konaré (Mali)
- André Desvallés, Bernard Deloche, Georges Henri Rivière, Gérard Collin, Hugues de Varine-Bohan, Jean-Yves Veillard, Mathilde Bellaigue (França)
- Anita B. Shah, Mohan Nigan, S. Madhavan Nair, Vasant H. Bedekar (Índia)
- Anna Gregorová, Evzen Schneider, Josef Benes, Zbynek Petr Suler, Z. Stránský (República Tcheca)
- Bachir Zouhdi (Síria)
- Barbara Abramo, Gabriela S. Wilder, Heloisa Barbuy, Marcelo Mattos Araújo, Maria Cristina Oliveira Bruno, Maria de Lourdes P. Horta, Maurício Segall, Tereza Scheiner, Waldisa Russio Camargo Guarnieri (Brasil)
- Bob Haak, Peter van Mensch (Holanda)
- C. D. Ardouin (Senegal)
- Domènec Miquel Serra, Eulàlia Morral i Romeu (Espanha)
- George Ellis Burcaw, John J. Whitlock, Jonh Kinard, Judith K.

Spielbauer (USA)

· Grace Dowling, Isabel Barros de Tamarasco, Isabel Laumonier, Nelly Decarollis, Norma Rusconi (Argentina)

- Ivo Maroevic (ex Iugoslávia)
- Jurij Pisculin (ex URSS)
- Klaus Schreiner (Alemanha)
- Lynn Maranda, Pierre Mayrand (Canadá)
- Martin Schärer (Suiça)
- Soichiro Tsuruta (Japão)
- Tomislavi Sola (Croácia)
- Vinos Sofka (Suécia)
- Wojciech Gluzinski (Polônia)

Participações recentes no ICOFOM

- Ann Davis (USA)
- Hildegard Vieregge (Alemanhã)
- Heloisa Costa, Marília Xavier Cury, Odalice Priost (Brasil)
- Mónica Mercuri, Mónica Gorgas (Argentina)
- Omarou Nao (Burkina Faso)

Alguns momentos referenciais do ICOM e do ICOFOM

· Os marcos referenciais do ICOM e do ICOFOM são inúmeros e elencamos alguns, conforme apresentado a seguir:

- 1946 - criação do ICOM - Conselho Internacional de Museus
- 1958 - Rio de Janeiro - realização do Seminário Internacional de Museus Regionais da UNESCO
- 1965 - Brno - I Simpósio sobre Teoria Museológica
- 1965 - Z.Z. Stránský - não há um objeto de estudos e sim tendências de conhecimento
- 1965 - W. Gluzinski - a museologia não tem um objeto de estudo da museologia, mas vários que se realizam nas inúmeras esferas do museu

- 1971 - Munique - Seminário Internacional "Museologia" organizado pelo Comitê Nacional do ICOM. Contou com a representação oficial do ICOM de Georges Henri Rivière
- 1971 - criação do "Le Creuset-Montceau les Mines" (experimentação museológica)
- 1971 - IX Conferência do ICOM, Grenoble - reconhecimento de um novo modelo de museu o "museu de bairro"
- 1972 - França - realização do Colóquio Museu e Meio Ambiente
- 1972 - Chile - realização da Mesa Redonda de Santiago do Chile
- 1976 - criação oficial do ICOFOM/ICOM
- 1977 - instalação do ICOFOM
- 1980 - Stránský e Gregorova - o objeto de estudo da museologia é a "relação específica entre o homem e a realidade"
- 1980 - Rússia - o objeto de estudo da museologia é o fato museal, "a relação profunda entre o homem e o objeto"
- 1980-1981-publicação do MuWoP/DoTraM - Museological Work Paper/Documents de Travail sur la Muséologie
- 1982 - criação do MNES - Nova Museologia e Experimentação Social
- 1982 - Tomislav Sola propôs o termo Patrimoniologia, tirando o foco do museu e levando para as relações entre a sociedade e sua herança cultural.
- 1983 - início da série ICOFOM Study Series, hoje em seu 35º número
- 1984 - criação do MINOM-Movimento Internacional por uma Nova Museologia
- 1986 - publicação do *Dictionarium Museologicum* - léxico poliglota
- 1988 - ICOFOM, Hyderabad - Só há uma museologia, no nível mais elevado de abstração, com inúmeras formas e de acordo com o universo de aplicação
- 1989 - a partir de uma política de descentralização foi recomendada a criação de uma organização regional, o ICOFOM LAM

- 1990 - criação dos sub-comitês do ICOFOM na África, Ásia, Europa, América do Norte e Caribe. Também, o ICOFOM LAM
- 1993 - iniciou-se a pesquisa permanente sobre terminologia, englobando termos e conceitos em museologia. Essa pesquisa perdura até hoje.

Os documentos referenciais produzidos no âmbito do ICOM

São quatro os documentos que adotamos como referenciais (ARAUJO; BRUNO, 1995). Entendemos que estes não devem ser considerados apenas como marcos históricos, mas como referências de ideais e idéias museológicas:

- 1958 - Seminário Internacional de Museus Regionais da UNESCO sobre a Função Educativa dos Museus, Rio de Janeiro, Brasil. Esse seminário destacou o caráter educacional dos museus e o papel das exposições como vínculo entre o museu e a sociedade
- 1972 - Mesa Redonda de Santiago do Chile: introduziu a noção de Museu Integral, isto é, os museus consideram a totalidade dos problemas da sociedade.
- 1984 - Declarações de Quebec e de Oaxaca: mantêm-se a idéia de museu e patrimônio como um instrumento a serviço do desenvolvimento do homem e da sociedade, conforme proposto na Declaração de Santiago do Chile, em 1972.
- 1992 - Declaração de Caracas: os museus são espaços e meios de comunicação e servem à interação entre a sociedade e os processos e produtos culturais. É o museu entendido como agente para a participação do público na construção e reconstrução permanente dos processos culturais, agente este integrado e integrador.
- Todos esses documentos deflagaram: os sujeitos do processo museológico, o caráter social e ideológico da museologia e dos museus, entendem o museu espaço de exercício democrático e de cidadania e, por isso, espaços dialógicos.

A nova museologia como referência

Cabe, ainda, dar destaque às discussões em torno do que se denomina “nova museologia” que, na realidade, não é uma outra em contraste com a antiga, mas sim um modelo metodológico de interação entre o patrimônio cultural e a sociedade. Nesse modelo, o público é agente das ações de preservação e comunicação patrimonial e o processo é tomado como educacional, por ser transformador. Enquanto modelo inovador, a nova museologia trouxe várias contribuições e, sobretudo, agregou valores ao embate sobre a “crise dos museus” na medida que se propõe ao enfrentamento entre os bens culturais e o público em todas as suas possibilidades e potencialidades. Muito embora possamos tomar a Declaração de Quebec e a criação do MINOM-Movimento Internacional por uma Nova Museologia, em 1984, como referências para a nova museologia, há antecedentes importantes como a Declaração de Santiago do Chile e o Colóquio Museu e Meio Ambiente (França), ambos ocorridos em 1972; as reflexões de Georges Henri Rivière e Hugues de Varine-Bohan no ICOM; a criação do MNES-Nova Museologia e Experimentação Social, em 1982; e outros fatos que levaram à criação de inúmeros museus integrados, de sítios, comunitários, de vizinhança/de bairro, de cidades e, em 1971, a criação do “Le Creuset-Montceau les Mines”, materialização (experimentação museológica) do conceito de ecomuseu, associação de museu e meio ambiente, de Varine-Bohan. Discussões em torno de conceitos como ação comunitária, construção para o futuro, preservação como ação comunitária, responsabilidade coletiva, museu integrado com a comunidade, museu e educação popular, educação permanente, educação libertadora, museu e meio ambiente são alguns exemplos daquilo em torno do que girou a nova museologia e, conseqüentemente, as contribuições que esse modelo trouxe para a disciplina Museologia (CÂNDIDO, 2002).

A museologia brasileira como referência : nossos expoentes

· No Brasil, alguns nomes se revelaram como estruturadores teóricos, são eles:

- Heloisa Barbuy
- Heloísa Costa
- Maria Celia Tavares Moura Santos
- Maria Cristina Oliveira Bruno
- Maria de Lourdes Parreiras Horta
- Mario de Souza Chagas
- Maurício Segall
- Odalice Priost
- Tereza Scheiner
- Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses

· Manuelina Maria Duarte Cândido, vem despontando como uma talentosa pesquisadora em museologia, trazendo consigo a tradição museológica.

Destaque

Muito se poderia falar a respeito da produção e das reflexões realizadas por esses profissionais citados anteriormente. Cada um deles mereceria um estudo especialmente dedicado às suas contribuições. No entanto, neste texto, destaca-se à Waldisa Russio Camargo Guarnieri por considerar sua produção intelectual⁸ como base fundante da teoria museológica no Brasil.

Então, retoma-se os três momentos da definição do fato museal ou museológico

1980 - "a relação profunda entre o homem e o objeto"

1981 - "a relação profunda entre o Homem, sujeito que conhece, e o Objeto, parte da Realidade à qual o Homem também pertence e sobre a qual tem o poder de agir" (W. Russio [Camargo Guarnieri], 1981.

1987/1989/1990 - "a relação profunda entre o Homem, sujeito

que conhece, e o Objeto, parte da Realidade à qual o Homem também pertence e sobre a qual tem poder de agir, relação esta que se processa num cenário institucionalizado, o museu”⁹. (W. R. C. Guarnieri, 1987, p.2; 1989, p.10; 1990, p.7)

Podemos tecer alguns comentários sobre o fato museológico. Em essência, é uma fato comunicativo e, ademais, entende comunicação como interação - “a relação profunda entre”, ou seja, como processo em que sujeitos se encontram, dialogam, negociam e onde há conflitos. Esse entendimento do que seja comunicação vai muito além daquele que define comunicação como transmissão.

Por outro lado, a autora defendeu que

[...] Se é verdade que o objeto só tem significação para o Homem que o conhece, também é válido fazer-se a afirmação mais elementar e implícita na anterior de que embora o objeto em si, entitativamente (sic), exista materialmente, ele só se “realiza” [coisifica, objetiva, passa a existir concretamente] quando o Homem toma conhecimento dele. Por isso (sic) é o Museu uma criação do mais alto espírito humanista. Por isso (sic) é tão válido lembrar que o Museu é o registro da trajetória do Homem sobre a Terra: registro do cenário em que ele se move e registro de sua atividade, sua técnica, sua arte, sua cultura, enfim. Nesse sentido, todo museu é histórico, e todo museu é antropológico. A rigor, dentro deste mesmo sentido, ainda se poderia dizer que todo museu que registra a ação humana, o trabalho do Homem, é, também, de Arte, na medida em que se realiza. E isto porque, mesmo quando se trata de objetos utilitários em que a preocupação predominante é funcional - e não estética - ainda assim no resultado final pode se encontrar um conteúdo de beleza. Esse registro da ação e da trajetória humanas destina-se a um espectador: o Homem [...](INSTITUTO DE MUSEOLOGIA DE SÃO PAULO, 1991, p.2)¹⁰.

Há nesta citação alguns aspectos sobre o fato museal como fato comunicativo que podemos destacar:

Trata-se do princípio da recepção: um discurso só existe na medida em que é apropriado e gera um outro discurso;

Há de se conhecer sobre o objeto em todas as suas potencialidades para que ele se “realize”;

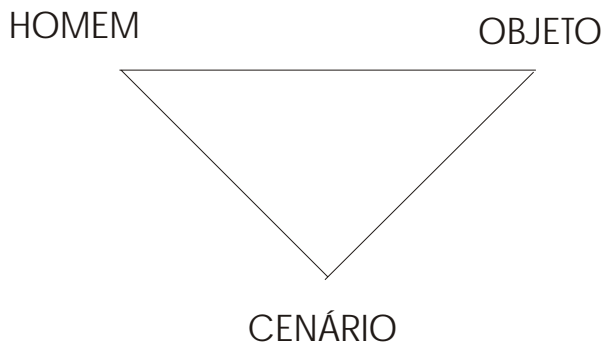
Conhecer relaciona-se com o sentido e a significação do objeto;

Há de se pensar na estética da recepção;

O emissor é o museu: um emissor humanista;

O museu é o meio e o Homem é o fim;

O Homem é o grande protagonista do e no museu. O museu é um produto cultural sobre as realizações humanas.



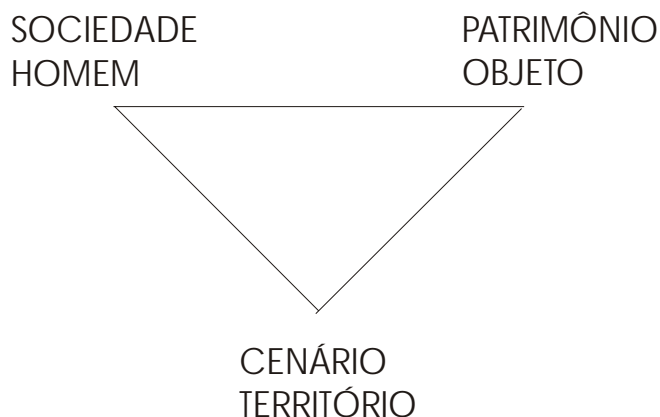
A comunicação assim exposta é a de interação e de sentidos, melhor dizendo, trata-se de comunicação de sentidos. Aqui o emissor (o museu e seus profissionais) não é um mero codificador e o receptor (o público) um mero decodificador, isto porque na comunicação de sentidos, ambos - emissor e receptor - são sujeitos produtores de significados e sujeitos imersos em um universo de (re)significações. Por promover a interação, a comunicação é o lugar para onde convergem os pólos emissor e receptor. O museu-emissor (o profissional), por ser sujeito, elabora o discurso museológico carregado de significações. O público-receptor, por ser igualmente sujeito, interpreta esse discurso e (re)elabora-o, agregando as suas próprias significações. A elaboração e a interpretação do discurso museológico se processam a partir dos discursos sociais e a recepção é um processo atravessado por mediações.

O fato museológico é dialógico e tem a sua fundamentação dialógica em Bakhtin. Para esse autor o significado está no seio da sociedade (KESKE, 2004: [s.p.]) e dialogia diz respeito não somente

à produção, mas, essencialmente, às trocas simbólicas. A comunicação dialógica e a comunicação de sentidos consistem em complexa rede de germinação de informações, negociação e consumo em que prevalece o valor simbólico sobre os de uso e troca. Seguindo essa linha de pensamento, Martin-Barbero - comunicólogo reconhecido internacionalmente - deslocou o foco de interesse da comunicação dos *meios para as mediações*. As mediações se processam no cotidiano, ou seja, é no dia-a-dia das pessoas que a recepção e a significação acontecem e fazem sentido (MARTIN-BARBERO, 1997).

Então, deslocam-se as nossas atenções do museu como meio para as mediações que ocorrem no cotidiano do público-visitante. Isto não significa mudança de objeto de estudo - o fato museológico como estamos apresentando -, mas sim entender essa mudança como um novo “lugar metodológico”.

A nova museologia tem a sua grande contribuição ao estudo do fato museal ao experimentar-se como esse *novo lugar metodológico* da museologia. Com a nova museologia desvelou-se as mediações que envolvem a apropriação do patrimônio cultural.



Com a nova museologia, o fato museal permanece, mas a forma de analisá-lo mudou. Deslocou-se definitivamente o foco de análise do museu para o cotidiano das pessoas. E a museologia e o museu participam sendo eles mesmos mediadores dos processos de significação do patrimônio.

Pesquisa em museologia

Se pesquisa em museologia é a produção de conhecimento museológico a partir do fato museal,

A comunicação é que torna possível a emergência do novo. Em outros termos: o processo de comunicação é base necessária para a produção de conhecimento original a partir do bem cultural preservado. De outro ângulo: o processo de investigação amplia as possibilidades de comunicação do bem cultural e dá sentido à preservação. A pesquisa é a garantia da possibilidade de uma visão crítica sobre o campo de estudo aqui delineado (CHAGAS, 2002, p. 25).

A verdadeira substância da museologia é a interação que se manifesta no diálogo, na construção de sentidos sociais, no bojo das práticas culturais e da construção da cidadania. Também, a interação constitui a realidade fundamental do museu. "São os usos que o público faz do museu que lhe dão forma social" (CURY, 2004, p. 95). Entende-se como *uso* as infinitas formas como o museu está inserido na vida cotidiana das pessoas, independente delas irem ou não ao museu. O museu faz parte da vida das pessoas no mínimo no imaginário delas (isso não é pouco porque esse imaginário, em grande medida, colaborou para que o museu existisse por séculos). Se isso é verdade, tem-se que conhecer os inúmeros usos que o público faz do museu e analisar as formas sociais que ele adquire. Para tanto, é necessário problematizar a relação do público com o museu e entender como se dá o encontro do público com o patrimônio musealizado e como o museu pode aproximar ou afastar as pessoas da vida cultural a partir da cultura material.

Assim sendo, deve-se problematizar o fato museológico, aprender a identificá-lo na realidade empírica, apreendê-lo, criar um quadro teórico-interpretativo que responda às hipóteses museológicas de recepção em museus e, então, construir uma teoria compreensiva da recepção/interação/relação profunda entre o Homem e o Objeto no Museus.

No entanto, deve-se ter em mente as formas de expressão da comunicação museológica e perceber a diferença entre pesquisar na e pesquisar a. A pesquisa teórica em museologia com bases empíricas é desenvolvida na exposição museológica e/ou em situação educativa e/ou em outras situações de aproximação do público com o patrimônio cultural musealizado. “Pesquisar em um contexto é diferente de pesquisar o contexto. Pesquisar, portanto, na exposição museológica [ou a partir da ação educativa] não significa pesquisar a exposição [ou a ação educativa]” (CURY, 2004a, p. 94), isto porque a exposição e a ação educativa são possibilidades de aplicação e de reflexão sobre teoria museológica (CURY, 2004b).

Entretanto, a dificuldade no desenvolvimento de pesquisa empírica em comunicação museológica está na transversalidade de teorias e conceitos que contribuam para a construção da teoria compreensiva da recepção museológica. Ela não existe e precisa ser construída. Uma transversalidade que dê conta de:

O museu tem sempre como sujeito e objeto o homem e seu ambiente, o homem e sua história, o homem e suas idéias e aspirações. Na verdade, o homem e a vida são sempre a verdadeira base do museu, o que faz com que o método utilizado em museologia seja essencialmente interdisciplinar, posto que o estudo do homem, da natureza e da vida, dependem do domínio de conhecimentos científicos muito diversos. Quando o museu e a museologia, no senso global do termo, estudam o ambiente, o homem, ou a vida, são obrigados a recorrer às disciplinas que a exagerada especialização separou por completo. A interdisciplinaridade deve ser o método de pesquisa e de ação da museologia e portanto, o método de trabalho nos museus e cursos de formação de museólogos e funcionários de museus (RUSSIO, 1981, p.59).

Não nego que a interdisciplinaridade foi e ainda é o principal método em museus, mas entendo que a museologia está caminhando para ser uma transdisciplina. Acho que Waldisa Rússio estava caminhando nesse sentido ao demonstrar poeticamente a complexidade que é lidar com a base dos museus: o Homem.

A museologia é a área que permite a ligação do social com o patrimonial. É, por isso, uma transdisciplina porque trabalha necessariamente na transversalidade, porque é a possibilidade de recorte da realidade que une desenvolvimento social, dinâmica cultural, políticas públicas, práxis cotidiana, desenvolvimento humano, processo educacional com patrimônio cultural, conhecimento e preservação.

Ignorar que a museologia é uma transdisciplina é arriscar a tornar o museu um reproduzidor de modelos e técnicas e tornar o enunciador que o museu é em um sujeito autoritário. Nessa situação, o que se reserva à sociedade?

Notas

* Marília Xavier Cury é museóloga. Desde 1992 desempenha ações de pesquisa e docência em Museologia no MAE-Museu de Arqueologia e Etnologia/USP.

¹ Este artigo foi apresentado no Seminário: Museólogo - 20 Anos de Profissão no Brasil, organizado pelo COREM 4ª Região, São Paulo, setembro de 2004.

² O ICOFOM teve em sua 1ª gestão - 1977 a 1980 - Jan Jelinek, como presidente, e M. Jacques Manoury, como 1º secretário, tendo sido substituído por Wolfgang Klausewitz.

³ Vinos Sofka sempre foi um grande defensor, incentivador e promotor de publicações no âmbito do ICOFOM como forma de registro de distintas posições e de discussões. Ele esteve a frente dos dois números do MuWoP/DoTraM e editou os 19 primeiros números do ISS. Segundo Sofka as edições do ISS "tornaram-se o mais importante instrumento na concretização do corajoso programa de pesquisa do Comitê e na distribuição de seus resultados" (1995). Também, promoveu, na década de 80, o MNS - Museological News, publicação rápida e flexível para a democratização do ICOFOM.

⁴ Com relação a essa proposta veja também MuWoP n. 1, 1980, páginas 11,12 e 13, as contribuições de Klausewitz e Sofka; MuWoP n. 2, 1981, a contribuição de Geoffrey Lewis.

⁵ O ICOFOM reimprimiu os vinte primeiros números do ISS em 1995, tendo como editor de reimpressão Martin R. Schärer.

⁶ O ICOFOM LAM já realizou 13 encontros anuais com seus anais.

⁷ Segundo Cândido (2002), em 2000 Peter van Mensch apresentou esse mesmo quadro integrando os itens 3 e 4, assim ficando: estudo dos objetos museológicos (cultura material) e da musealidade como definiu Stránský, associada à informação contida nos objetos museológicos e seu processo de emissão.

⁸ De sua produção, destacamos: *Methodologie de la muséologie et la formation professionnelle*, ISS 1, 1983, p. 114-125; *La Museologie et la formation: une seule methode?*, ISS 5, 1983, p. 32-37; *Collecter aujourd'hui pour demain*, ISS 6, 1984, p. 51-59; *La muséologie et l'identité*, ISS 10, 1986, p. 245-255; *Museologie et futurologie: esquisse d'idées. (Une fable impie pour l'edification des fidèles)*, ISS 16, 1989, p. 219-226. Também, destacamos "Museu, um aspecto das organizações culturais num país em desenvolvimento". Dissertação (Mestrado em Ciência) - Escola Pós-Graduada de Ciências Sociais, Fundação Escola de Sociologia e Política da São Paulo. Ainda, "Um museu de indústria em São Paulo". 1980. Tese (Doutorado em Ciência) - Escola Pós-Graduada de Ciências Sociais, Fundação Escola de Sociologia e Política da São Paulo. Essas foram as

primeiras dissertação de mestrado e tese de doutorado com tema em museologia no Brasil.

⁹ Utilizamos a definição do fato museal na íntegra conforme publicado pela autora em 1987, 1989 e 1990. No entanto, ela sempre, em seus textos e apresentações, remeteu à publicação de 1983 como origem dessa definição.

¹⁰ Fragmentos publicados de Waldisa Pinto Russo. 1977. Museu, um aspecto das organizações culturais num país em desenvolvimento. Dissertação (Mestrado em Ciência) - Escola Pós-Graduada de Ciências Sociais, Fundação Escola de Sociologia e Política da São Paulo. p. 139-140.

Referências Bibliográficas

ARAUJO, Marcelo Mattos, BRUNO, Maria Cristina Oliveira (Orgs.) **A memória do pensamento museológico contemporâneo**. São Paulo: Comitê Brasileiro do ICOM, 1995. 45 p.

BELLAIGUE, Mathilde. O desafio museológico. In: FÓRUM DE MUSEOLOGIA DO NORDESTE, 5, 1992, Salvador. 8 p. mimeo.

BURCAW, G. Ellis. Methodology of museology and professional training - basic paper and comments. **ICOFOM Study Series**, n. 1. Stocolmo: ICOFOM/ICOM, p. 10-23, 1983.

CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. Conceitos e proposições presentes em *Vagues*, a antologia da Nova Museologia. **Ciências & Letras**, Porto Alegre: FAPA. N. 31, jan./jun. 2002, p. 63-75.

CHAGAS, Mario de Souza. Cultura, patrimônio e memória. **Ciências & Letras**. N. 31 Porto Alegre: FAPA, jan./jun. 2002, p. 15-29.

CONSELHO INTERNACIONAL DE MUSEUS. Dictionnarium museologicum. 1986. CURY, Marília Xavier. To search in the exposition and the intangibility of the museums. **ICOFOM Study Series**. N. 35, Munique: ICOFOM/ICOM, 2004a, p. 94-99.

_____. Museu Água Vermelha e a comunicação patrimonial da arqueologia. Bases de sustentação teórica e metodológica. In: ENCONTRO REGIONAL DO ICOFOM LAM, 12., 2003, Salvador. Organização ICOFOM LAM e IPAC. Rio de Janeiro: Tacnet Cultural, 2004b. CD.

FATTOUH, Nadine & SIMÉON, Nadia. Orientation muséologique et origines géographiques des auters. **ICOFOM Study Series**. N.28 Paris: ICOFOM/ICOM, 1997, p. 33-43.

GUARNIERI, Waldisa Russio Camargo. Conceito de cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação. **Cadernos Museológicos**. N. 3, Rio de Janeiro, p. 7-12, 1990.

_____. Museu, museologia, museólogos. **Revista de Museologia**. N. 1 São Paulo: IMS/FESP, 1989, p. 7-11.

ICOFOM STUDY SERIES. ICOFOM/ICOM/UNESCO, ns. 1 a 20, 26, 27, 28, 31, 33b, 34.

INSTITUTO DE MUSEOLOGIA DE SÃO PAULO. São Paulo: FESP, 11 jun. 1991, [4 p.].

KLAUSEWITZ, Wolfgang. The first historical phase of ICOFOM - a review with personal reflections. **ICOFOM Study Series**. N.27, Paris/Grenoble/Annecy, 1997, p. 13-15.

KESKE, Humberto Ivan. Dos sujeitos enunciadores e seus contextos dialógicos: Bakhtin e seu outro. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 27., 2004, Porto Alegre. **Comunicação, acontecimento e memória**. Organização Intercom, [s. p.], 2004. CD.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Tradução de Ronald Polito e Sergio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997. 360 p.

MENSCH, Peter van. **O objeto de estudo da Museologia**. Trad. de Débora Bolsanello e Vânia Dolores Estevam de Oliveira. Rio de Janeiro: UNIRIO, 1994. 22 p. (Prétextos Museológicos 1).

MORA, Cláudia Corvi & GANDHOUR, Nada. Evolution et extension de la théorie muséologique de l'ICOFOM. **ICOFOM Study Series**. n.28, Paris: ICOFOM/ICOM, 1997, p. 44-55.

REVISION = REVIEW **1989-1992** - Organización Regional para América Latina y el Caribe. ICOM, 1992.

RUSSIO [CAMARGO GUARNIERI], Waldisa. Methodologie de la muséologie et la formation professionnelle - basic paper. **ICOFOM Study Series**, n. 1, Stocolmo: ICOFOM/ICOM, 1983, p. 114-125.

_____. L'interdisciplinarité en Muséologie - basic paper. **MuWop/DoTraM**, n. 2, Estocolmo: ICOFOM/ICOM, 1981, p. 58-59.

SOFKA, Vinos. My adventurous life with ICOFOM, museology, museologists, anti-museologists, giving special reference to ICOFOM Study Series. **ICOFOM Study Series**, v. 1, p. 1-25, 1995. (Reimpressão).

Abstract

The purpose of this text is to present some historical referential of the Museology discipline formation and of the collection of theoretical and methodological postulate which compose and orientate the praxis in museums. For that, the text presents five marks as referential, in the international and national context: (1) ICOFOM-International Committee for Museology of ICOM-Internacional Council of Museums; (2) some referential moments of ICOM and ICOFOM; (3) the referential Documents of ICOM; (4) the new museology; (5) the Brazilian museology and the research.

Keywords: museological theory; museology; museological research; museological communication; reception research in museum.